

# O ilusionista Herbert Marcuse



Por Robin Phillips

Os antigos Gregos tinham uma escola de filósofos, conhecidos como os Sofistas, que se orgulhavam da sua habilidade de poderem validar coisas impossíveis. Alguns sofistas contratavam-se mutuamente em eventos públicos, onde as audiências os poderiam observar, encantados, à medida que eles procediam provando proposições que eram manifestamente falsas.

O filósofo Gorgias (4º século antes de Cristo) inventou um argumento engenhoso como forma de provar que nada existia; e mesmo se alguma coisa existisse, nada se poderia saber sobre isso; e mesmo se alguma coisa existisse e se se pudesse saber algo sobre isso, tal conhecimento não pode ser comunicado aos outros; e mesmo se alguma coisa existisse e se se pudesse saber algo sobre isso, e se tal conhecimento pudesse ser comunicado aos outros, não existia qualquer tipo de incentivo para comunicar aos outros.

Seria bom se tal sofisma se tivesse limitado aos antigos Gregos, mas o século 20 viu um pensador cuja falta de lógica rivalizou - e até suplantou - tudo o que alguma vez foi produzido pelos sofistas. O seu nome foi Herbert Marcuse (1898–1979), o guru da contra-cultura dos anos 60.

Marcuse é importante, não porque ele foi capaz de levar o sofismo para níveis *distorcedores-da-verdade* mais elevados, mas porque o seu pensamento distorcido tem sido formativo na definição do "senso comum" coletivo (ou, para ser mais acertado, a falta de senso comum) da nossa era.

Quão formativo? Em 1968, quando os estudantes de Paris se revoltaram, eles rasgaram os estandartes da cidade onde se liam "Marx/Mao/Marcuse." No seu prefácio do livro de Marcuse *"Negations: Essays in Critical Theory"* ["Negações: Dissertações em Torno da Teoria Crítica"], Robert Young disse que "entre os intelectuais puros, [Marcuse] foi o que teve maior efeito direto e profundo sobre os eventos históricos - mais do que qualquer indivíduo do século 20."

## A Escola de Frankfurt

Marcuse veio duma geração de intelectuais que havia experimentado a devastação da Primeira Grande Guerra. Esta guerra sem sentido, aliada à gripe Espanhola (que veio pouco depois e matou tantos quantos a guerra tinha destruído) produziu uma geração de intelectuais exaustos e cínicos, prontos para abraçar o falso otimismo do Fascismo ou do Marxismo. Muitos que adotaram a última opção uniram esforços na **Instituto para Pesquisas Sociais** na Universidade de Frankfurt, Alemanha. (Antes disso, o Instituto tinha o nome de "Instituto para o Estudo do Marxismo"). O seu movimento caracterizava-se por uma visão política que veio a ser conhecida como "a Escola de Frankfurt".

Essa visão era essencialmente Marxista mas com uma variante. Enquanto que Marx acreditava que o poder encontrava-se junto daqueles que controlavam os meios de produção, a escola de Frankfurt alegou que o poder encontrava-se junto daqueles que controlavam as instituições de cultura. A escola veio a incluir sociólogos, críticos de arte, psicólogos, "sexólogos", cientistas políticos, e uma vasta gama de "peritos" dispostos a converter o Marxismo duma teoria estritamente econômica para uma realidade cultural.

Marcuse foi um elemento-chave do movimento, juntamente com **Theodor Adorno, Max Horkheimer, Erich Fromm, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Wilhelm Reich, Georg Lukacs**, e muitos outros. Estes homens estavam desapontados com a sociedade e os valores tradicionais do Ocidente. Lukacs, que ajudou a fundar a escola, disse que o seu propósito era responder à questão: "Quem nos salvará da Civilização Ocidental?"

"O terror e a civilização são inseparáveis," escreveram Adorno e Horkheimer no livro "*The Dialectic of Enlightenment*" ["A Dialética do Esclarecimento"]. A solução era, portanto, simples: destruir a civilização. Marcuse expressou o seu propósito da seguinte forma:

Podemos justificadamente falar duma revolução cultural visto que o protesto tem como alvo todo o edifício cultural, incluindo a moralidade da sociedade atual.

Lukacs via na "destruição revolucionária da sociedade como a única solução para as contradições da época," e alegou que "tal subversão dos valores não pode ocorrer sem a aniquilação dos antigos valores e da criação de novos valores por parte dos revolucionários."

Lukacs usou as escolas Húngaras como frente de batalha para incutir o niilismo cultural. Através dum curriculum de educação sexual radical, ele esperava enfraquecer a família tradicional. O historiador William Borst reconta como "as crianças Húngaras aprenderam nuances subtis do amor livre, atividade sexual, e a natureza arcaica do código familiar das famílias da classe média, que impediam o homem de ter prazer."

## Para a América

Quando Hitler se tornou chanceler em 1933, a escola de Frankfurt viu-se obrigada a dissolver, realocando-se inicialmente em Genebra, e, mais tarde, vendo a maior parte dos seus intelectuais a fugir para os Estados Unidos, para a Universidade da Columbia, Tendo como ponto de partida essa universidade, as ideias da Escola de Frankfurt espalharam-se por todo o mundo acadêmico Americano.

Superficialmente, a América pós-guerra parecia ser o último lugar do mundo onde esta filosofia anti-Occidente obteria algum tipo de atenção. Afinal, todo o mundo Ocidental, mas especialmente a América, estava bem ciente da forma como o fascismo quase havia destruído a sua civilização. Os Nazis haviam ascendido ao poder numa moderna onda de neo-paganismo e tribalismo primordial que se apresentou como uma alternativa à cultura do Ocidente moderno. Devido a isto, e de certa forma, a derrota de Hitler representou o triunfo dos valores Ocidentais. Na América esta vitória foi seguida dum renovação do otimismo cultural característico do final dos anos 1940 e 1950, que, entre outras coisas, se manifestou no chamado "*baby boom*".

O gênio da Escola de Frankfurt manifestou-se na sua habilidade de converter esta renovada confiança numa força com a qual sabotar a sociedade. A **estratégia** envolveu uma inteligente redefinição do fascismo como uma heresia de Direita. Segundo esta narrativa, o Nazismo havia sido a consequência dum sociedade impregnada com o capitalismo. ("Quem não estiver pronto para falar no capitalismo, disse também permanecer calado em relação ao fascismo", comentou o sociólogo Max Horkheimer.) As culturas que davam grande importância à família, à religião [ed: Cristianismo], ao patriotismo e à propriedade privada, foram declaradas canteiros do fascismo.

O revisionismo histórico atingiu o seu ponto mais elevado com Marcuse, que se estabeleceu como o mais conhecido membro do movimento devido à sua habilidade de efetivamente comunicar com os jovens. Marcuse foi adotado como o guru intelectual do movimento *hippie*, e ele, em troca, disponibilizou à geração mais jovem uma corrente contínua de propaganda como forma de santificar os seus impulsos rebeldes. (Foi Marcuse que inventou o slogan "*Make love, not war.*" ["Façam amor e não guerra"])

Para Marcuse, a única resposta ao fascismo era o comunismo. "Os Partidos Comunistas são, e assim continuarão a ser, o único poder anti-fascista," ele declarou. Por esta razão, ele apelou aos Americanos para não serem demasiado duros com as experiências totalitárias dos seus inimigos comunistas, assegurado que "a denúncia do neo-fascismo e da Democracia Social tem que ser superior a denúncia das políticas Comunistas."

## O Assobio e a Teoria Profissional

Os pensadores da Escola de Frankfurt ensinaram que aqueles que tinham uma visão conservadora, não só estavam errados, como eram neuróticos. Ao converter as ideias conservadoras em patologias, eles colocaram em marcha a tendência de silenciar os outros através do diagnóstico em vez do diálogo. A "psicologização" dos adversários políticos passou a tomar o lugar do debate. [ed: É precisamente por isto que os ativistas lgbt tentam acabar com o debate em torno da sua agenda política qualificando os adversários de "homofóbicos", e também por isso que as feministas qualificam como

"machista" toda a oposição que é levantada às suas destrutivas medidas sociais e sexuais]

Não foram só os seus adversários políticos que caíram sob o martelo da psicanálise. Ao criarem a disciplina da "Teoria Crítica", a escola de Frankfurt foi capaz de desconstruir toda a civilização Ocidental. Em vez de demonstrarem que os valores do Ocidente eram falsos ou deficientes, eles diagnosticaram a cultura como inerentemente logocêntrica [isto é, focada no conhecimento], patriarcal, institucional, patriótica e capitalista. **Nenhum aspecto da sociedade Ocidental**, desde o acesso a Shakespeare, ficou imune à crítica. Mesmo o ato de assobiar foi alvo do desconstrucionismo de Adorno, que disse que o ato de assobiar indicava "controle sobre a música" e era sintomático do insidioso prazer que os Ocidentais tinham em "possuir a melodia."

Não se sabe se Marcuse devotou muito tempo em torno do assobio, mas o que realmente lhe deixava zangado era o trabalho. Um dia de trabalho honesto era das coisas mais repressivas da civilização que ele esperava debilitar. Como alternativa a uma profissão, Marcuse apelava para o que ele chamava de "a convergência entre o trabalho e a diversão."

O libido era a chave para a utopia pré-civilizacional. Marcuse fomentou o que ele chamou de "sexualidade polimorfa" que envolvia a "transformação do libido da sexualidade constrangida sob a supremacia genital para a erotização de toda a personalidade." Mal esta transformação ocorresse, o trabalho profissional já não ocuparia um lugar tão importante no Ocidente. No livro *"Eros e Civilization"*, Marcuse escreveu que "a ocupação laboral, que é a maior parte da vida dum indivíduo, é um tempo doloroso visto que o trabalho laboral alienado é a ausência de gratificação e a negação do princípio do prazer."

No seu livro *"Intellectual Morons"*, Daniel J. Flynn prestativamente compara a visão laboral de Marcuse com a de Marx:

Marx militava contra a exploração da força laboral; Marcuse era contra o trabalho laboral em si. Não trabalhem, façam sexo. Esta era a simples mensagem do livro *"Eros and Civilization"*, lançado em 1955. As suas ideias revelaram-se extraordinariamente populares junta da incipiente cultura hippie da década seguinte. O livro forneceu a base lógica para a preguiça e transformou vícios pessoais degradantes em virtudes.

Esta elevação da preguiça incluía a rejeição consciente do "trabalho" de se manter asseado. Logo, Marcuse argumentou que aqueles que haviam regressado para um estado mais primitivo tinham que rejeitar a higiene pessoal e experimentar a liberdade de adotar "um corpo impoluto da higiene plástica."

## **Contradição**

Flynn resumiu toda a filosofia de Marcuse quando ele alegou que Marcuse "pregava que a liberdade era totalitarismo, democracia era ditadura, educação indoutrinação, violência é não-violência, ficção é verdade." Tal como isto sugere, Marcuse era genial em "conferir conotações positivas a práticas negativas." Este truque atingiu o ponto mais

alto do discurso contraditório quando Marcuse alegou que a tolerância é, na verdade, intolerância, e vice-versa.

Conduzidos pelo sofismo de Marcuse, a noção da tolerância passou a significar exatamente o contrário do que significava no passado. A tolerância já não era o ato de permitir ou tolerar os pontos de vista e os valores de outra pessoa, apesar de não se concordar com ele. Esta era a noção defendida pelos liberais do Iluminismo e encapsulada na citação (falsamente atribuída a Voltaire), "Não concordo com o que dizes, mas defenderei até a morte o teu direito de o afirmares."

Embora esta noção de tolerância, tal como qualquer outro tipo de liberdade, tenha os limites legais óbvios, ela fundamentava-se na ideia Cristã (nem sempre seguida na perfeição) de que nós devemos evitar deportar, prender, executar ou humilhar aqueles cuja crenças, práticas e comportamentos não são do nosso agrado (ou nós desaprovamos).

Marcuse qualificava a tolerância tradicional de "tolerância repressiva", que precisava de ser substituída pela "tolerância libertadora." De modo significativo, a tolerância libertadora envolvia "intolerância para com os movimentos da Direita e tolerância para com os movimentos da Esquerda." Os movimentos da Esquerda incluíam o ativismo dos vários grupos que Marcuse encorajava a se auto-identificarem como oprimidos - homossexuais, mulheres, negros, e os imigrantes. Só os grupos minoritários tais como estes poderiam ser considerados objetos legítimos de tolerância. [ed: as mulheres não são uma "minoría" mas sim a maioria.]

Comentando este novo tipo de tolerância, Daniel Flynn escreveu:

Tolerar o que se gosta e censurar o que não se gosta obviamente que já tinha um nome antes do aparecimento de Marcuse. A isso dá-se o nome de intolerância. A palavra intolerância tinha má fama, e como tal Marcuse deu-lhe o nome do seu antônimo mais popular, *tolerância*. Esta palavra foi frequentemente modificada para "libertadora", "discriminadora", e "verdade". Mais corrupção da língua veio através da sua crítica aos praticantes da liberdade de expressão que ele identificou de "intolerantes".

O que emergiu da sombra desta nova tolerância foi um tipo de redistribuição intelectual. Em vez de redistribuir o capital económico da classe média para a classe operária, tal como Marx havia insistido, a nova tolerância buscava redistribuir o capital cultural. Marcuse não escondeu que *esse* era o propósito final, admitindo que ele elogiou "a prática da tolerância discriminadora numa direção inversa, como forma de mudar o equilíbrio entre a Direita e a Esquerda ao limitar a liberdade da Direita." Isto foi alcançado através de várias formas, incluindo o que Flynn descreveu de "ajuste de atitude", afetada pelo "condicionamento psicológico através do entretenimento, das salas de aula, de tabus linguísticos, e através de outros meios que transmitem a sua ideologia através da osmose."

Nos anos que se seguiram desde Marcuse, a noção de tolerância finalizou a sua metamorfose. Enquanto que segundo a antiga definição de tolerância, um homem tinha que discordar de algo para que pudesse tolerá-la, segundo o novo significado, **não pode haver discórdia**; em vez disso, a pessoa é forçada a aceitar todos os valores e pontos de

vista como sendo todos eles igualmente legítimos (a óbvia exceção sendo o fato de não devermos tolerar a antiga noção de tolerância.)

Ao contrário de muitos dos seus descendentes filosóficos, Marcuse estava bem ciente do padrão duplo que ele estava a propor, não escondendo o fato de estar disposto a erradicar a liberdade acadêmica como forma e alterar o equilíbrio de poder. Ele chegou a reconhecer que este seu novo modelo de tolerância envolvia "a remoção da liberdade de expressão e da liberdade de reunião aos grupos e aos movimentos que promovem políticas agressivas," ao mesmo tempo que "a restauração da liberdade de pensamento pode precisar de novas e rígidas restrições aos ensinamentos e às práticas presentes nas instituições de ensino que, através dos seus métodos e conceitos, servem para fechar a mente dentro do discurso e do comportamento estabelecido."

O que Marcuse estava a dizer é ainda mais radical do que a tese de Gorgias de que nada exista, e ela limita-se a isto: A liberdade de pensamento e a liberdade de expressão só podem ser atingidas através da rígida restrição do pensamento e do discurso.

Enquanto apelava para o "cancelamento do credo liberal da discussão livre e igualitária" (do seu ensaio "*Tolerância Represiva*"), Marcuse ajudou a debilitar o antigo slogan universitário *lux et veritas*. As universidades modernas, com o seu constante policiamento de ideias e as suas políticas de censura politicamente motivadas, recebeu a sua legitimização intelectual por parte de Marcuse.

### **Consequências**

Embora seja discutível se o pensamento de Gorgias alguma vez tenha sido levado a sério por alguém (muito menos por parte do próprio Gorgias), as ideias de Marcuse foram levadas tão a sério que formaram a base intelectual tanto do mundo acadêmico da Esquerda como da máquina do politicamente correção que lidera muito do viés contemporâneo dos média.

Gorgias sabia que estava a ser irracional mas ele fez o que fez como forma de se divertir ao demonstrar os seus poderes intelectuais. Marcuse também sabia que estava a ser irracional, mas ele acreditava que a irracionalidade era uma coisa boa. Para ele, a lógica era uma arma de dominação e opressão, enquanto que, segundo o que ele escreveu no livro "*One Dimensional Man*", "a habilidade de . . . converter a ilusão em realidade e a ficção em verdade, são um testemunho da forma como a Imaginação se tornou um instrumento de progresso."

Marcuse passou por Harvard, Yale, Columbia, Brandeis, e pela Universidade da Califórnia em San Diego. Em cada uma destas instituições, ele pregou o seu "evangelho" do niilismo, onde os conceitos negativos e as palavras negativas foram transformadas em entidades positivas. Até a sua morte, em 1979, ele continuou a convencer as pessoas a "converterem a ilusão em realidade."

A coisa mais surpreendente disto tudo é que tantas pessoas tenham acreditado nas suas ilusões.